

AMBIENTE

Ciência na selva

Uma estação científica ligada ao exterior por satélite abre uma nova era nas pesquisas da Amazônia

KAIKE NANNE, de Caxiuanã

O Brasil abre nesta semana uma nova janela para o maior e mais desconhecido laboratório vivo do planeta. É a Estação Científica Ferreira Penna, um centro avançado de pesquisas na Floresta Amazônica, construído em parceria com o governo da Inglaterra, que será inaugurado na sexta-feira pelo presidente Itamar Franco. É o maior empreendimento dessa natureza já erguido na região. Custou 3,6 milhões de dólares e tem por objetivo atrair pesquisadores de todas as partes do mundo. É também um show de tecnologia na selva. Situada às margens do Igarapé Curuá, afluente do Rio Caxiuanã, a dezoito horas de barco de Belém, a estação é um conjunto de edifícios onde foram instaladas 2 toneladas de equipamentos. São laboratórios de botânica, zoologia, arqueologia, química e ecologia, além de uma estação meteorológica.

A grande novidade é um sistema de computadores, ainda em instalação, que permitirá aos pesquisadores comunicar-se, via satélite, com bancos de dados e centros científicos de várias partes do mundo. Com isso será possível, por exemplo, enviar imediatamente um novo dado sobre uma espécie vegetal recém-descoberta para o jardim botânico de Londres, o Kew Gar-

dens, onde trabalham os maiores especialistas do mundo no assunto. "Estamos dando um passo decisivo para o conhecimento da Amazônia", comemora o químico José Guilherme Maia, 52 anos, diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, entidade responsável pela administração da estação científica.

AVENTURA E PERIGO — A Floresta Nacional de Caxiuanã, onde funciona o centro de pesquisas, é um dos lugares mais desabitados e inacessíveis da Terra. São 300 000 hectares de floresta virgem, mais que o dobro da área do município de São Paulo, onde moram apenas vinte famílias, uma para cada 15 000 hectares — uma densidade demográfica 1 000 vezes inferior à de um Estado como o Rio Grande do Sul. À noite, ouvem-se apenas os sons da floresta, dos sapos, dos grilos e dos guaribas, macacos com mais de 1 metro de altura que andam em bandos e delimitam seu território com gritos estridentes.

A estação tem alojamentos para 100 pessoas e garante um mínimo de conforto para os pesquisadores. Há restaurante, biblioteca, quadras de esportes e aparelhos de televisão, que recebem sinal via satélite. A comida é preparada no próprio local, mas



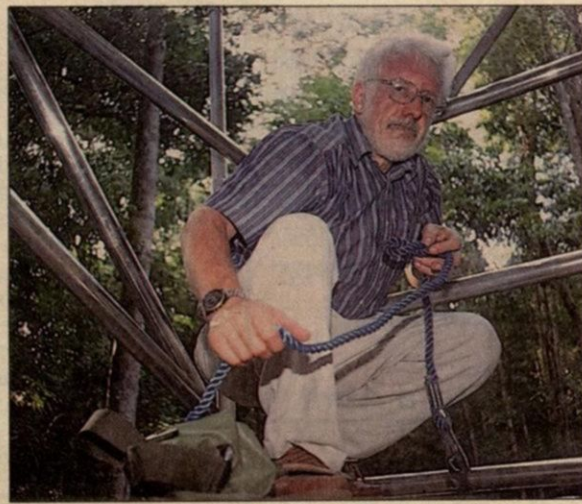
FOTOS ANDRÉ PENNER

todos os suprimentos são enviados de Belém, pelo rio. Mesmo assim, é preciso espírito de aventura para enfrentar a selva. Para chegar à estação, deve-se cruzar a Baía de Caxiuanã, um mar de água doce no estuário do Rio Amazonas, pouco conhecido até pelos navegadores da região. Há pouco tempo, o barco que levava os pesquisadores se chocou com uma pedra. O casco se partiu e o piloto só teve tempo de alcançar a margem antes que a embarcação afundasse. Em outra ocasião, durante incursão na floresta, um cientista quebrou a perna e outro levou uma picada de cobra venenosa. Os colegas da equipe tiveram de transportá-los nas costas, em macas improvisadas, por vários quilômetros.

MUTIRÃO CIENTÍFICO — Nada disso parece incomodar os cientistas de vários países interessados em trabalhar lá. Na semana passada, o Museu Emílio Goeldi já



Almeida: 338 espécies em quatro campos de futebol



Roberts: "Falar em catástrofe é pura fantasia"

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: Amaz. / Geral
 Data: 06/10/93 Pg.: 70-71 82



A floresta de Caxiuanã e um prédio da estação: 2 toneladas de laboratórios e comunicação instantânea por computador

tinha uma fila de cinquenta candidatos de diferentes nacionalidades. Alguns deles, mais afoitos, conseguiram autorização para visitar o local antes mesmo da inauguração. Os resultados obtidos nesses casos servem como uma prévia das descobertas que estão à espera dos futuros pesquisadores. Em apenas dois dias de trabalho, o inglês Anthony Raw, da Universidade de Brasília, encontrou cinco novas espécies de mariposas. O holandês Marinus Hoogmoed, da Universidade de Leiden, ficou uma semana — tempo suficiente para enumerar 86 espécies de anfíbios e répteis. A geoquímica Dirse Clara Kern, da Universidade Federal do Pará, descobriu onze sítios arqueológicos, que apontam para uma conclusão curiosa: a região, hoje praticamente desabitada, já teve um considerável número de moradores. Numa área de apenas 4 hectares, o equivalente a quatro campos de futebol, outro pesquisador, o agrônomo e ecólogo brasileiro Samuel Soares de Almeida, catalogou 338 espécies de árvores de grande porte. “Isto aqui é um celeiro de vida”, diz Almeida.

Nenhuma outra região do mundo desperta tanta atenção da comunidade científica internacional como a Amazônia. Há motivos de sobra. Com 6,4 milhões de quilômetros quadrados, ela tem um quinto da água doce e quase a metade de todas as espécies vivas do planeta. Na floresta convivem cerca de 50 000 espécies vegetais. No Rio Amazonas e em seus afluentes há 2 000 espécies de peixes, oito vezes mais que na Bacia do Rio Mississippi, nos Estados Unidos, e dez vezes mais que em todos os rios da Europa. Mais importante que a quantidade das espécies é a diversidade e a complexidade desse ecossistema,

um território cujo potencial desafia as fronteiras da biotecnologia e da engenharia genética.

A CORRIDA DAS ONGS — Estima-se que pelo menos cinquenta entidades estrangeiras mantenham atualmente pesquisadores na região. Pesquisa-se de tudo. O Instituto Max Planck, da Alemanha, montou um núcleo em Manaus para estudar a vegetação e o ecossistema das áreas alagadas. O projeto custa 1,5 milhão de dólares. Existem ainda outras trinta Organizações Não Governamentais, as ONGs, operando na região, com recursos do exterior, a maioria sem nenhum controle do governo brasileiro. Há todo tipo de ONG na Amazônia brasileira: ONG do peixe-boi, ONG do seringueiro, ONG do índio. “Fala-se muito em catástrofe na Amazônia, mas é pura fantasia de quem quer ganhar dinheiro”, afirma o inglês John Roberts. Especialista em climatologia e participante do projeto Abracos, de cooperação Brasil-Inglaterra, há dez anos Roberts monitora o clima da Amazônia por meio de seis torres espalhadas pela selva. “É preciso

cuidar da floresta, mas as notícias não são tão ruins quanto se imagina”, diz ele.

A Estação Ferreira Penna é um caso exemplar de cooperação científica internacional e do interesse dos países desenvolvidos na região. Dos 3,6 milhões de dólares gastos no projeto, a maior parte, cerca de 2,8 milhões de dólares, foi doada pela Overseas Development Administration, do governo britânico. O Museu Goeldi e o Ministério de Ciência e Tecnologia entraram com mais 800 000 dólares. Em princípio, qualquer cientista poderá fazer pesquisas no local, desde que obtenha os recursos necessários. Ou seja, a estação não vai depender de recursos do governo. Essas pesquisas serão acompanhadas por um conselho técnico do Museu Goeldi, de modo que o país tenha acesso ao resultado dos trabalhos. Mais tarde, o Museu Goeldi pretende autorizar também a entrada de pequenos grupos de turistas.

ZOO NATURAL — A grande vantagem da nova estação científica é seu peculiar ecossistema. Nele há de tudo um pouco: áreas alagadas, como várzeas e igapós, trechos de savana, cerrado, campo e áreas de floresta de terra firme. Isso o torna uma reprodução em pequena escala do mundo amazônico. “É como se fosse um zoológico ou um jardim botânico natural”, compara o diretor do Museu Goeldi, Guilherme Maia. “Aqui, os cientistas poderão pesquisar animais e vegetais da Amazônia inteira sem ter de percorrer milhares de quilômetros.” Outra grande vantagem é que, devido à dificuldade de acesso, lá ainda não chegaram os garimpeiros, os madeireiros, nem mesmo os índios. “Em Caxiuanã, será possível trabalhar mais 100 anos antes da chegada da civilização”, garante Maia. ■

